

ensinamento 3

pedagogia

engajada

A pedagogia engajada começa com o entendimento de que aprendemos melhor quando há interação entre estudante e professor. Como líderes e facilitadores, professores devem descobrir o que os estudantes sabem e o que precisam saber. Essa descoberta só acontece se os professores estiverem dispostos a engajar os estudantes para além da superficialidade. Como professores, podemos criar um clima ideal para o aprendizado se compreendermos o nível de consciência e inteligência emocional dentro da sala de aula. Isso significa que precisamos dedicar tempo à avaliação de quem estamos ensinando. Quando comecei a trabalhar em sala de aula, assim como vários professores, minha maior preocupação, quiçá obsessão, era se uma quantidade substancial de informações seria ou não abordada. Para ter certeza de que daria tempo de trabalhar em sala de aula o material que eu acreditava ser realmente importante, eu evitava reservar um tempo para que os estudantes se apresentassem ou compartilhassem algumas informações sobre sua origem, seus desejos e sonhos. No entanto, notei que, quando eu proporcionava tempo para as pessoas se conhecerem, a energia da sala de aula ficava mais positiva e mais propícia ao aprendizado.

Sabendo tudo que sei hoje, depois de trinta anos de sala de aula, não começo a dar aulas, no contexto que for, sem antes

criar as bases para construir uma comunidade em classe. Para fazer isso, é essencial que professor e estudantes tenham tempo para conhecerem uns aos outros. Esse processo pode começar com simplesmente ouvir a voz de cada pessoa quando ela se apresenta. Da primeira vez que me encontrei com o monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh, fiquei admirada por ele insistir que, quando um estudante está na presença de um professor poderoso e perceptivo, pode-se aprender muita coisa antes mesmo de palavras serem ditas. Ele explicou: “Os chineses dizem que, ‘quando nasce um sábio, a água presente no rio, nas plantas e árvores das montanhas do entorno fica mais clara e verdejante’”. Ainda que Thay (Nhat Hanh) se refira a um professor espiritual, nós que já estivemos em sala de aula com professores incríveis sabemos que a presença deles ilumina.

Quando enxergamos a sala de aula como um lugar onde professor e estudantes podem compartilhar sua “luz interna”, temos o caminho para vislumbrar quem somos e como podemos aprender juntos. Gosto de engajar as mentes e os corações dos estudantes fazendo exercícios simples de escrita, completando frases. Todos devemos escrever um parágrafo, em escrita espontânea, começando com algo do tipo “meu momento de maior coragem aconteceu quando...”. Ou devemos levar um objeto pequeno para a aula e escrever um parágrafo curto sobre seu valor e sua importância. Ao ler esses parágrafos curtos em voz alta, uns para os outros, temos a oportunidade de ver e ouvir cada voz. A maioria dos professores sabe o que é se sentar

em uma sala de aula com vinte ou mais estudantes, desejando provocar diálogo, e ver que somente os mesmos dois ou três estudantes falam. O ato de escrever e ler parágrafos juntos reconhece o poder da voz de cada estudante e cria espaço para todas as pessoas falarem quando têm comentários significativos a fazer.

Nunca peço aos estudantes para fazerem em sala de aula um exercício de escrita que eu não esteja disposta a fazer. Minha disponibilidade para compartilhar, para expor meus pensamentos e minhas ideias, confirma a importância de expor pensamentos, de superar o medo e a vergonha. Quando todos nos arriscamos, participamos mutuamente do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagem. Descobrimos juntos que podemos ser vulneráveis no espaço de aprendizado compartilhado, que podemos nos arriscar. A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula. Esse processo ajuda a estabelecer a integridade do professor e, simultaneamente, incentiva os estudantes a trabalharem com integridade.

O sentido na raiz da palavra “integridade” é inteireza. Assim, a pedagogia engajada cria uma sala de aula onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos. Podem nomear os medos, expor sua resistência a pensar, expressar-se e honrar os momentos em que

tudo se conecta e o aprendizado coletivo acontece. Sempre que o aprendizado genuíno acontece, as condições para a autorrealização estão estabelecidas, mesmo quando não é esse o objetivo de nosso processo de ensino. Uma vez que a pedagogia engajada ressalta a importância do pensamento independente e de cada estudante encontrar sua voz, que é única, esse reconhecimento geralmente empodera os estudantes. Isso é importante, sobretudo, para estudantes que, de outra forma, não sentiriam que são “dignos”, que podem contribuir com a discussão.

A pedagogia engajada pressupõe que todo estudante tem uma contribuição valiosa para o processo de aprendizagem. No entanto, não pressupõe que todas as vozes devem ser escutadas em todos os momentos ou que todas as vozes devem ocupar a mesma quantidade de tempo. Desde o início da minha carreira como estudante universitária e nos primeiros anos como professora, estudei em salas nas quais os professores eram quase obsessivos quanto à “justiça”. Para eles, isso significava que todos os estudantes deveriam ter a mesma quantidade de tempo para falar e que todas as vozes deveriam ter o mesmo peso de importância — o que, com frequência, levava a situações em que estudantes que não estavam preparados falavam sem parar. Em uma sala de aula engajada, estudantes aprendem o valor de falar e de dialogar, e também a falar quando têm uma contribuição significativa a fazer. Compreender que todo estudante tem uma contribuição valiosa a oferecer para a comunidade de aprendizagem significa que honramos todas as

capacidades, não somente a habilidade de falar. Estudantes que são excelentes na escuta ativa também contribuem muito para formar a comunidade. Isso procede também em relação a estudantes que talvez não falem com frequência, mas que, quando falam (às vezes, somente quando são demandados a ler o que escreveram), a importância do que têm a dizer vai muito além da de outros estudantes que sempre discutem abertamente. E, claro, há momentos em que o silêncio ativo, a pausa para pensar antes de falar, acrescenta muito à dinâmica da sala de aula.

Quando os estudantes estão totalmente engajados, os professores deixam de assumir sozinhos o papel de liderança na sala de aula. Em vez disso, a liderança funciona mais como uma cooperativa, na qual todas as pessoas contribuem para assegurar que todos os recursos sejam utilizados, para garantir o bem-estar no aprendizado ideal para todos. Em última análise, todos os professores querem que os estudantes aprendam e vejam a educação como meio de autodesenvolvimento e autorrealização. Em *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, afirmo: "Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos". A pedagogia engajada é essencial a qualquer forma de repensar a educação, porque traz a promessa de participação total dos estudantes. A pedagogia engajada estabelece um relacionamento mútuo entre professor e estudantes que alimenta o crescimento de ambas as partes, criando uma atmosfera de confiança e compromisso

que sempre está presente quando o aprendizado genuíno acontece. Ao expandir o coração e a mente, a pedagogia engajada nos torna aprendizes melhores, porque nos pede que acolhamos e exploremos juntos a prática do saber, que enxerguemos a inteligência como um recurso que pode fortalecer nosso bem comum.

ensinamento 7

colaboração

Escrito com Ron Scapp

Colaborar com diferentes pensadores para trabalhar em busca de uma compreensão mais ampla das dinâmicas de raça, gênero e classe é essencial àqueles que desejam se mover para além dos formatos unidimensionais de pensamento, de existência e de vida. Minha colaboração com o filósofo Ron Scapp é um dos relacionamentos de solidariedade, tanto no âmbito da amizade quanto no do esforço intelectual, que nos permite ter uma visão mais expansiva do mundo e da cultura em que vivemos. Ambos, Ron e eu, enxergamos nossa prática de ensino sempre conectada às lutas por justiça social. Contamos um com o outro para apoio, crítica e inovação na vida e no trabalho. Recorremos um ao outro em busca de avaliação crítica, seja referente a uma discussão sobre o papel da imaginação no ensino, seja em relação a decisões mais pessoais, como mudanças na carreira e os esforços para seguir o meio de vida correto.⁵

Ambos, Ron e eu, acreditamos que é por meio do diálogo que melhor lutamos por uma compreensão mais clara da cultura do dominador e das dinâmicas específicas de raça, gênero, classe e sexualidade que dela emergem. Nosso contínuo diálogo repete e expressa o que fazemos em sala de aula. É um esforço constante para manter a consciência crítica sobre o que fazemos, como fazemos e por quê. Conectar nossas posições acadêmicas à jus-

tiça social dentro e fora da sala de aula significa que existimos em um espaço limiar dentro do ambiente acadêmico; nós dois pertencemos e, ao mesmo tempo, somos estranhos à academia. Muito do que fazemos é constantemente visto como suspeito e questionado por pessoas que ocupam posições de poder, mais envolvidas com o *status quo*.

Em um tempo em que muitas pessoas aludem à necessidade de diálogo, sobretudo diálogo que promova diversidade, buscamos garantir conexão entre teoria e prática. Com muita frequência, encontramos nos círculos acadêmicos colegas que fazem pouco mais do que falar da boca para fora sobre o árduo trabalho de manter o tipo de conexão que exige contínua abertura radical e compromisso com a mudança. A fim de nos mantermos atentos de forma crítica, Ron e eu nos envolvemos em uma abordagem filosófica de diálogo. Isso significa que empregamos estratégias de troca dialética, que enfatizam a consideração e a reconsideração do posicionamento, das estratégias e dos valores. Apesar de Ron e eu trabalharmos em colaboração um com o outro há quase vinte anos, ainda estamos em lugares muito diferentes na hierarquia de raça, classe e gênero. Isso nos deu oportunidade de atravessar limites e superar obstáculos que, normalmente, impedem uma união intelectual íntima que supere diferenças. Com frequência, um “chama a atenção” do outro, pedindo que se afaste um pouco da situação e faça uma autocrítica rigorosa, olhando de forma realista para como habitamos um mundo

diferente. Ao mesmo tempo, identificamos o que compartilhamos, o que é comum entre nós.

A despeito do que já está ultrapassado em seu discurso sobre pedagogia crítica, Paulo Freire continua sendo nosso orientador nos esforços progressivos para redefinir a educação como prática da liberdade. Em *Por uma pedagogia da pergunta*, ele nos lembra que, quando nos afastamos dos limites de nossa vida diária individual e entramos em espaços e pontos de vista diversos, devemos sempre estar prontos para “dar respostas honestas” a perguntas que, tipicamente, impedem a compreensão mútua para além da diferença. Em nosso diálogo no livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, enfatizamos a importância de estabelecer e manter a confiança, o que significa compreender que o essencial para nós é criar um diálogo entre nossas diferenças que enriqueça ambos.

Focamos, continuamente, a questão da confiança, porque a reclamação mais comum que ouvimos de pessoas não brancas sobre se sentirem ou não capazes e dispostas a lutar por solidariedade para além das diferenças é o medo de confiar em pessoas brancas, sobretudo em homens brancos privilegiados. Da mesma forma, é verdade que o condicionamento racista socializou muitas pessoas brancas para suspeitarem de pessoas não brancas, sobretudo quando nos recusamos a permanecer dentro dos limites das noções racistas de essência e identidade. O que Ron e eu aprendemos com a constante reavaliação e reafirmação de nossa ligação é que a confiança não é estática, ela

deve ser constantemente reforçada por ações que estamos dispostos a tomar, tanto para assumir a importância de nosso laço quanto para protegê-lo.

No trabalho de Ron, ele é questionado com frequência por indivíduos céticos que sentem que ele não age de acordo com seu compromisso de acabar com a dominação, declarado em nossas publicações colaborativas. O que eles não conseguem compreender é que não há um único mapa para indicar como entramos na luta pela educação para a liberdade. Nosso esforço colaborativo para desafiar e acolher um ao outro é uma contínua expressão de resistência crítica; ainda assim, é indispensável que reflita nossas diferenças, os espaços peculiares que habitamos. E isso vai necessariamente assumir diferentes formatos. Ron continua trabalhando para uma instituição em uma cidade grande, ao passo que eu me mudei e trabalho em uma pequena faculdade cristã dedicada às necessidades locais, em meu estado natal, Kentucky. Ainda que Ron trabalhe continuamente para subverter os privilégios que, com facilidade, ele poderia ter dentro do patriarcado imperialista supremacista branco, usando seu poder de forma que realmente possa enfraquecer as estruturas de dominação, ele jamais finge que não há deslizes e momentos em que continua a se beneficiar do próprio sistema que critica. É por isso que nosso projeto contínuo e colaborativo de pensamento crítico é crucial, enquanto lutamos para manter nosso compromisso com o trabalho pela liberdade para todas as

peças, e enquanto lutamos para manter a integridade dentro dos sistemas que não valorizam vozes dissidentes.

Minhas escolhas profissionais me afastaram cada vez mais do magistério em tempo integral na faculdade. Ainda assim, cada decisão importante em minha profissão foi avaliada com seriedade por nós dois. Com frequência, devido ao posicionamento de Ron em relação aos privilégios de raça e gênero (ele tem trabalhado em cargos administrativos elevados), ele compreende melhor o funcionamento do sistema e o que pode ser feito para subvertê-lo. Sem minha parceria com Ron, talvez eu não tivesse permanecido na universidade. Nos momentos mais difíceis, quando me senti sistematicamente atacada dentro de instituições acadêmicas, quando acreditei que minha única esperança de sanidade era sair dali, Ron apresentou argumentos sobre por que continuar a lecionar seria importante para mim. Ele destacou as razões pelas quais minha presença, tanto quanto meu trabalho, é uma ferramenta de ensino, porque personifica as práticas da pedagogia engajada. Ele está sempre pronto para chamar atenção para a maneira positiva como estudantes e professores usam meu trabalho, os modos pelos quais ele funciona como intervenção, afirmando o que Freire qualifica como o esforço que devemos fazer para “manter a esperança, até mesmo quando a mais dura realidade parece sugerir o contrário”. Ao mesmo tempo, Ron tem muito mais probabilidade de entrar em ambientes acadêmicos onde poderia comprometer sua integridade e receber mais atenção e recompensas. Seus esforços para

manter um compromisso radical são constantemente sustentados por nosso diálogo crítico e pelo constante envolvimento com estudantes progressistas que o desafiam e o criticam.

Nosso diálogo mútuo é tanto público quanto particular. Temos nos esforçado para traduzir nossa visão de solidariedade em realidade, de maneira que possamos proporcionar um exemplo para todas as pessoas de que a solidariedade que transpõe diferenças não só é possível como necessária. Percebemos que professores e estudantes olham para o que fizemos e para o que fazemos como testemunho e evidência. Isso é indício concreto de tudo o que é possível quando implementamos os paradigmas antirracistas e antimachistas que podem transformar a vida de todos nós e que nos permitem ter esperança em um futuro diferente. Acreditamos que a pedagogia crítica que colocamos em prática é uma pequena parcela da revolução cultural que possibilitou que um afro-estadunidense [Barack Obama] se tornasse presidente [entre 2009 e 2017] desta democracia que está lutando para sobreviver. O desejo de Ron de se envolver em uma colaboração útil também serve como exemplo da forma como pensadores críticos dão voz à mudança. Vislumbrando um futuro de paz e justiça globais, devemos todos nos dar conta de que a colaboração é a prática mais efetiva para permitir que todas as pessoas dialoguem juntas, para criar uma nova linguagem de parceria comunitária e mútua.

5. No original, *right livelihood*. “Meio de vida correto” é, no budismo, um dos oito passos do “nobre caminho óctuplo”. Segundo o Buddha, o caminho óctu-

plô é uma espécie de tratamento da vida pela prática, em que o indivíduo escolhe viver com intenção, livrando-se da ignorância, do impulso inconsciente e da insaciabilidade dos desejos. O "meio de vida correto" é o quinto passo: envolver-se em ocupações (trabalhos, profissões) que promovem a vida e não a destroem. [N.T.]

ensinamento 27

amar novamente

O amor na sala de aula estabelece uma base para o aprendizado que acolhe e empodera todo mundo. Comecei a pensar sobre a relação entre o amor e a luta para acabar com a dominação em um esforço para compreender os elementos que constituíram movimentos bem-sucedidos por justiça social no mundo. Ficou evidente que o foco em uma ética do amor foi fator central no sucesso do movimento. Em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, defini amor como uma combinação de cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança. Todos esses fatores atuam de modo interdependente. Quando esses princípios básicos do amor formam a base da interação professor-estudante, a busca mútua por conhecimento cria as condições para um aprendizado ideal.

Professores, então, aprendem enquanto ensinam, e estudantes aprendem e compartilham conhecimento. Em *To Know as We Are Known: Education as a Spiritual Journey* [Conhecer como somos conhecidos: educação como jornada espiritual], Parker Palmer argumenta que “a origem do conhecimento é o amor”, declarando que:

O objetivo do conhecimento que surge da vida é a reunificação e a reconstrução de personalidades e mundos partidos. O conhecimento da compaixão tem por objetivo não explorar e manipular a criação, mas

reconciliar o mundo com ele mesmo. A mente motivada pela compaixão busca conhecer, enquanto o coração busca amar. Portanto, o ato de saber é um ato de amor, o ato de entrar na realidade do outro e acolhê-la, e de permitir que o outro entre na nossa e a acolha. Nesse conhecimento, conhecemos e somos conhecidos como membros de uma comunidade [...].

Então, fundamentalmente, o lugar do amor na sala de aula é garantido quando há qualquer busca apaixonada por conhecimento. Esse pensamento contraria os princípios de críticos que pensam que amor não tem nada a ver com nossa habilidade de ensinar e aprender. Cínicos em relação ao amor, questionam se ele perturba ou não a sala de aula, uma vez que pode ser uma distração e gerar falta de objetividade.

Ao contrário da ideia de que o amor na sala de aula faz professores ficarem menos objetivos, quando ensinamos com amor somos mais capazes de atender às questões específicas de cada indivíduo, enquanto simultaneamente integramos essas questões à comunidade da sala de aula. Quando trabalhamos para afirmar o bem-estar emocional dos estudantes, estamos fazendo o trabalho do amor. Colegas já me disseram que não querem ser postos no lugar do “terapeuta”; não querem reagir às emoções em sala de aula. Se nos recusarmos a abrir espaço para emoções em sala de aula, isso não mudará a realidade de que a presença da energia emocional determina de várias maneiras as condições em que o aprendizado pode ocorrer.

Professores não são terapeutas. No entanto, há momentos em que o ensino consciente — ensino com amor — nos proporciona a percepção de que não seremos capazes de ter uma experiência significativa na sala de aula sem interpretar o clima emocional de nossos estudantes e lidar com ele. Em alguns casos, isso pode exigir que fiquemos mais emocionalmente conscientes dos conflitos psicológicos de um estudante que esteja bloqueando sua capacidade de aprender. Nesse caso, pode ser apropriado direcioná-lo para atendimento psicológico. Com frequência, vários estudantes que entram nas salas de aula já estiveram ou estão fazendo algum tipo de terapia, o que faz com que sejam mais resistentes a aprender sob circunstâncias em que sua inteligência emocional é ignorada ou desvalorizada.

Algumas vezes, professores têm medo de engajar estudantes com amor, porque se preocupam com a possibilidade de serem engolidos, de se envolverem demais nos dilemas de um estudante. Esse medo é profundamente vivido por qualquer pessoa que é incapaz de estabelecer limites apropriados. A maioria de nós, professores e estudantes, foi criada com uma compreensão equivocada do amor. Fomos ensinados que o amor nos enlouquece, cega e nos deixa bobos, que nos faz ser incapazes de estabelecer limites saudáveis. Na verdade, quando ensinamos com amor, é muito mais provável que tenhamos uma compreensão mais aprofundada das capacidades de nossos estudantes e de suas limitações, e esse conhecimento garante que haverá limites apropriados em sala de aula. E também ajuda a pro-

Professores não são terapeutas. No entanto, há momentos em que o ensino consciente — ensino com amor — nos proporciona a percepção de que não seremos capazes de ter uma experiência significativa na sala de aula sem interpretar o clima emocional de nossos estudantes e lidar com ele. Em alguns casos, isso pode exigir que fiquemos mais emocionalmente conscientes dos conflitos psicológicos de um estudante que esteja bloqueando sua capacidade de aprender. Nesse caso, pode ser apropriado direcioná-lo para atendimento psicológico. Com frequência, vários estudantes que entram nas salas de aula já estiveram ou estão fazendo algum tipo de terapia, o que faz com que sejam mais resistentes a aprender sob circunstâncias em que sua inteligência emocional é ignorada ou desvalorizada.

Algumas vezes, professores têm medo de engajar estudantes com amor, porque se preocupam com a possibilidade de serem engolidos, de se envolverem demais nos dilemas de um estudante. Esse medo é profundamente vivido por qualquer pessoa que é incapaz de estabelecer limites apropriados. A maioria de nós, professores e estudantes, foi criada com uma compreensão equivocada do amor. Fomos ensinados que o amor nos enlouquece, cega e nos deixa bobos, que nos faz ser incapazes de estabelecer limites saudáveis. Na verdade, quando ensinamos com amor, é muito mais provável que tenhamos uma compreensão mais aprofundada das capacidades de nossos estudantes e de suas limitações, e esse conhecimento garante que haverá limites apropriados em sala de aula. E também ajuda a pro-

mover uma atmosfera de segurança em que erros podem ser cometidos, em que estudantes podem aprender a assumir total responsabilidade por averiguar suas habilidades de aprendizagem de tal forma que não fiquem dependentes do professor.

Quando ensinamos com amor, combinando cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança, normalmente conseguimos entrar na sala de aula e ir direto ao cerne da questão. Isso significa ter lucidez para saber o que fazer em qualquer dia, a fim de criar o melhor clima para o aprendizado ideal. Professores que estão apegados e usam o mesmo estilo de ensino todos os dias, que temem qualquer desvio do planejamento concreto da aula, perdem a oportunidade de total envolvimento no processo de aprendizagem. É muito mais provável que tenham uma sala de aula tranquila onde estudantes obedecem a autoridade. É muito mais provável que se sintam satisfeitos, porque apresentaram todas as informações que queriam cobrir. No entanto, estão perdendo a experiência mais potente que podemos oferecer para os estudantes, que é a oportunidade de se engajar no aprendizado com totalidade e compaixão.

É comum professores quererem ignorar a emoção em sala de aula, porque temem o conflito que ela pode ocasionar. Por mais que as pessoas gostem de imaginar que o *campus* universitário é um espaço sem censura, onde a liberdade de expressão prevalece e os estudantes são incentivados a se envolver em debate e troca dialética, o oposto é uma imagem mais precisa do que

realmente acontece nas salas de aula das universidades. Com muita frequência, estudantes temem falar por medo de antagonizar professores e outros estudantes. Em geral, eles têm terror de discordar, quando pensam que isso pode resultar em conflito. Mesmo que nenhum de nós jamais imagine ser possível ter com alguém um relacionamento romântico em que nunca há conflito, estudantes e algumas vezes professores, principalmente em uma sala de aula diversa, tendem a ver o conflito como uma presença ameaçadora para a continuidade da troca crítica e como indicativo de que comunidade não é possível onde há diferenças de pensamento e opinião.

Muitos de nós não testemunhamos, em nossas famílias de origem, trocas críticas nas quais diferentes pontos de vista são expressos e conflitos são solucionados construtivamente. Em vez disso, trazemos para a sala de aula nossos medos mal resolvidos e nossas ansiedades. Uma sala de aula amorosa é onde estudantes são ensinados, tanto pela presença quanto pela prática do professor, que a troca crítica pode acontecer sem diminuir o espírito de ninguém, que um conflito pode ser solucionado construtivamente. Enquanto professores, como lideranças, estão na melhor posição para criar um clima de amor na sala de aula, estudantes têm o poder de compartilhar seu amor por aprender de forma a acender centelhas no professor que talvez esteja emocionalmente distante. Não importa de onde o amor surge na sala de aula, ele transforma.

Todas as relações amorosas significativas empoderaram cada pessoa envolvida na prática mútua de parceria. O amor entre professor e estudante faz com que o reconhecimento seja possível; oferece um espaço onde há interseção dos esforços acadêmicos com os esforços mais genéricos de todos nós para estarmos psicologicamente inteiros. A educação mudará para melhor em nosso país quando todos os professores aprenderem a amar, tanto fora da sala de aula quanto dentro dela. Ainda que eu aborde todas as experiências de ensino com um espírito genérico de amor, um relacionamento amoroso com frequência brota entre um estudante específico e eu, um que seja permanente. Os estudantes que amo com mais intimidade parecem nunca sair da minha vida. À medida que crescem e se tornam professores ou começam a atuar em outras profissões, ainda me procuram para que os ensine, aconselhe e oriente. O fato de nosso relacionamento de ensino, formado e moldado pelo amor, estender-se para além de nosso tempo em sala de aula afirma o poder do amor. Quando perguntei a uma de minhas estudantes, hoje professora de direito, se meu amor por ela criou uma atmosfera de favoritismo em sala de aula, ela riu e disse: “Você está brincando? Quanto mais você nos amava, mais a gente tinha que trabalhar”. Não existe amor sem justiça.

O amor em sala de aula prepara professores e estudantes para abrir a mente e o coração. É a base sobre a qual toda comunidade de aprendizagem pode ser construída. Professores não precisam ter medo de que a prática do amor em sala de aula possa levar

ao favoritismo ou à competição entre estudantes. O amor sempre nos afastará da dominação em todas as suas formas. O amor sempre nos desafiará e nos transformará.